

## FICHA TÉCNICA

Título original: *God Help the Child*

Autora: *Toni Morrison*

Copyright © 2015 by Toni Morrison

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Manuela Madureira*

Revisão: *José João Leiria/Editorial Presença*

Imagem da capa © plainpicture/Image Source

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, abril, 2016

Depósito legal n.º 406 241/16

Reservados todos os direitos

para Portugal à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

# PARTE I



## SWEETNESS

A culpa não é minha. Portanto não podem acusar-me. Eu não fiz nada e não tenho a menor ideia de como aconteceu. Não demorou sequer uma hora depois de a terem puxado de entre as minhas pernas para se constatar que havia alguma coisa errada. Francamente errada. Ela era tão negra que me assustou. Negra como a noite, negra do Sudão. Eu tenho a pele clara, um bom cabelo, aquilo que se chama amarelo-forte, e o pai da Lula Ann também. Não há ninguém na minha família que se aproxime sequer dessa cor. Alcatrão é a palavra que mais me ocorre, e todavia o seu cabelo não condiz com a pele. É diferente — sedoso mas ondulado como o daquelas tribos nuas da Austrália. Poder-se-ia pensar que ela é um retrocesso, mas retrocesso a quê? Deviam ter visto a minha avó; passou por branca e nunca mais disse uma palavra a nenhum dos seus filhos. Qualquer carta que recebesse da minha mãe ou das minhas tias era devolvida, por abrir. Finalmente, elas perceberam a mensagem de nada de mensagens e deixaram-na em paz. Quase todos os tipos de mulatos e filhos de mulato e branco agiam assim nessa altura, isto é, se tivessem o tipo certo de cabelo. Imaginam quantas pessoas brancas têm sangue negro a correr-lhes escondido nas veias? Adivinhem. Vinte por cento, ouvi dizer. A minha própria mãe, Lula Mae, podia facilmente ter passado por branca, mas optou por não o fazer. Contou-me o preço que pagou por essa decisão. Quando ela e o meu pai foram ao cartório para se casarem havia lá duas Bíblias e eles tiveram de pousar as mãos na reservada aos

negros. A outra era para mãos de gente branca. A Bíblia! Não é o máximo? A minha mãe era governanta de um casal branco abastado. Eles comiam as refeições que ela preparava, insistiam que lhes esfregasse as costas sentados na banheira e sabe Deus quantas outras coisas íntimas lhe mandavam fazer, mas tocar na mesma Bíblia, isso é que não podia ser.

Alguns de vocês, provavelmente, pensam que é errado agruparmo-nos de acordo com a cor da pele — quanto mais clara, melhor — em bairros inteiros, clubes sociais, igrejas, irmandades, até escolas de cor. Mas de que outra maneira podemos agarrar-nos a um pouco de dignidade? De que outra maneira podemos evitar que nos cusпам em cima num armazém, os empurrões na paragem de autocarro, andar pela sarjeta para deixar o passeio inteiro aos brancos, e que nos cobrem um níquel na mercearia por um saco de papel grátis para os clientes brancos? Para já não falar de todos os insultos. Eu ouvi falar de tudo isto e de muito, muito mais. Mas, por causa da cor da pele da minha mãe, ela não era impedida de provar chapéus nos grandes armazéns nem de usar as casas de banho. E o meu pai podia experimentar sapatos na parte da frente da sapataria e não numa sala das traseiras. Nenhum deles se permitiria beber por uma fonte «só para gente de cor», mesmo que estivesse a morrer de sede.

Detesto dizer isto, mas logo desde o princípio, na maternidade, a bebé, Lula Ann, envergonhou-me. À nascença, a sua pele era pálida como a de todos os bebés, mesmo os africanos, mas depressa mudou. Julguei que estava a dar em doida quando ela passou a preto-azulado mesmo diante dos meus olhos. Sei que enlouqueci durante um minuto, porque uma vez — apenas durante alguns segundos — segurei num cobertor sobre a cara dela e carreguei. Mas não fui capaz de fazer isso, por muito que desejasse que ela não tivesse nascido com aquela cor horrível. Cheguei até a pensar em dá-la para um orfanato algures. E receava ser uma dessas mães que deixavam os seus bebés nos degraus da igreja. Recentemente, soube de um casal na Alemanha, branco como a neve, que teve um bebé de pele escura

que ninguém conseguiu explicar. Gémeos, creio eu, um branco, outro de cor. Mas não sei se é verdade. Tudo o que sei é que, para mim, alimentá-la era como ter um tiçãozito a sugar-me a teta. Passei para o biberão assim que regresssei a casa.

O Louis, o meu marido, é revisor, e quando voltou dos caminhos de ferro olhou para mim como se eu estivesse realmente louca e olhou para a Lula Ann como se ela viesse do planeta Júpiter. Ele não era homem de praguejar, por isso ao ouvi-lo exclamar: «Raios partam! Que diabo é isto?», soube que tínhamos um problema. Foi essa a causa, o que provocou as brigas entre mim e ele. Desfez o nosso casamento em pedaços. Passámos três bons anos juntos, mas quando ela nasceu ele culpou-me e tratou a Lula Ann como se ela fosse uma estranha; mais do que isso, uma inimiga.

Nunca lhe tocou. Eu nunca consegui convencê-lo de que nunca, mas nunca andara enrolada com outro homem. Ele tinha a certeza absoluta de que eu estava a mentir. Discutimos e discutimos até que eu lhe disse que a negrura dela devia vir da sua própria família e não da minha. Foi aí que as coisas pioraram, a tal ponto que ele se pôs a andar e eu tive de procurar outro sítio mais barato para viver. Sabia o suficiente para não a levar comigo se me fosse encontrar com os senhorios, por isso deixava-a ao cuidado de uma prima adolescente. Fiz o melhor que pude, e de qualquer maneira não a levava muito à rua porque, quando a empurrava no seu carrinho de bebé, os amigos ou desconhecidos inclinavam-se e espreitavam para dizerem qualquer coisa simpática e depois sobressaltavam-se ou recuavam antes de franzirem a testa. Isso doía. Eu poderia ser a *babysitter* se os tons das nossas peles fossem ao contrário. Já era suficientemente difícil ser uma mulher de cor — ainda que de um amarelado suave — a tentar arrendar numa parte decente da cidade. Nos anos noventa, quando a Lula Ann nasceu, havia uma lei contra a discriminação no arrendamento, mas poucos senhorios ligavam a isso. Inventavam razões para nos recusarem. Acabei por ter sorte com o Sr. Leigh. Sei que ele aumentou sete dólares à renda anunciada, e tem um ataque se nos atrasamos um minuto com o dinheiro.

Eu disse-lhe para ela me chamar «Sweetness» em vez de «Mãe» ou «Mamã». Era mais seguro. Sendo tão preta e tendo aqueles lábios que eu acho demasiado grossos, chamar-me «Mãe» confundiria as pessoas. Além disso, ela tem os olhos de uma cor esquisita, negros como um corvo com um toque de azul, e há também neles algo de bruxa.

Portanto, fomos só nós as duas durante muito tempo, e não preciso de vos dizer como é duro ser uma esposa abandonada. Suponho que o Louis se sentiu um bocadinho mal por nos ter deixado assim, porque alguns meses depois descobriu para onde é que eu me mudara e começou a enviar-me dinheiro todos os meses, apesar de eu nunca lhe ter pedido que o fizesse e de não ter ido a tribunal para o obrigar. As suas transferências de cinquenta dólares e o meu emprego noturno no hospital permitiram que eu e a Lula Ann pudéssemos prescindir da assistência social. O que foi muito bom. Gostaria que deixassem de lhe chamar assistência social e voltassem à palavra que usavam quando a minha mãe era rapariga. Nessa altura chamavam-lhe «Alívio». Soa muito melhor, como se fosse apenas um fôlego de curto prazo enquanto resolvemos a vida. Além disso, aqueles funcionários da assistência são maus como as cobras. Quando arranjei finalmente trabalho e deixei de precisar de lá ir, ganhava melhor do que eles alguma vez tinham ganho. Acho que a maldade compunha os seus magros cheques de ordenado, razão pela qual nos tratavam como pedintes. Ainda mais se olhavam para a Lula Ann e depois para mim; era como se eu os estivesse a aldrabar ou algo assim. As coisas melhoraram, mas eu continuava a precisar de ter cuidado. Muito cuidado na maneira como a educava. Tinha de ser rígida, muito rígida. A Lula Ann precisava de aprender a comportar-se, a manter a cabeça baixa e não arranjar problemas. Não me interessa quantas vezes ela muda de nome. A sua cor é uma cruz que transportará sempre. Mas a culpa não é minha. A culpa não é minha. A culpa não é minha. Não é.

## BRIDE

Estou com medo. Está a acontecer-me qualquer coisa má. É como se estivesse a derreter-me. Não consigo explicar-vos isto, mas sei quando começou. Principiou depois de ele dizer: — Tu não és a mulher que eu quero.

— Nem que eu quero.

Ainda não sei porque disse aquilo. Saiu-me simplesmente pela boca fora. Mas, ao ouvir a minha resposta atrevida, ele lançou-me um olhar de ódio antes de vestir as calças de ganga. Depois, pegou nas botas e na *T-shirt* e quando ouvi a porta bater perguntei-me, durante uma fração de segundo, se ele não estaria a terminar apenas a nossa discussão idiota mas sim a terminar connosco, com a nossa relação. Não podia ser. A qualquer momento ouviria a chave rodar na fechadura, o clique da porta de entrada a abrir e fechar. Mas não ouvi nada durante toda a noite. Absolutamente nada. Que foi? Não sou suficientemente excitante? Ou suficientemente bonita? Não posso ter pensamentos próprios? Fazer coisas que ele não aprova? De manhã, mal acordei, fiquei furiosa. Satisfeita por ele se ter ido embora, porque, obviamente, estivera apenas a usar-me porque eu tinha dinheiro e virilhas. Sentia-me tão irritada que, se me tivessem visto, haviam de pensar que eu passara aqueles seis meses detida numa cela com ele, sem acusação nem advogado, e de repente o juiz cancelara tudo; anulara o caso ou negara-se de todo a ouvi-lo. Seja como for, recusei lamentar-me, choramingar ou recriminar. Ele disse uma coisa: eu concordei. Que se lixe.

Além disso, a nossa relação não era assim tão espetacular, nem sequer o sexo ligeiramente perigoso que eu costumava permitir-me desfrutar. Bom, de qualquer maneira não era nada como aqueles reclames de página dupla nas revistas de moda, sabem, casais seminus no meio da rebentação, com um ar tão intenso e tão completamente perverso, a sua sexualidade semelhante a relâmpagos e o céu a escurecer para realçar o brilho da sua pele. Adoro esses anúncios. Mas a nossa relação não estava sequer à altura de qualquer velha canção R&B, alguma melodia com um ritmo composto para gerar febre. Não era sequer a adocicada letra de um *blues* dos anos trinta: «Querida, querida, porque me tratas assim? Eu farei tudo o que disseres, irei onde quer que queiras que eu vá.» Não sei explicar porque é que continuava a comparar-nos com desdobráveis de revistas e canções, mas agradou-me fixar-me em «I Wanna Dance With Somebody».

No dia seguinte chovia. Choques de balas na janela seguidos de linhas cristalinas de água. Evitei a tentação de espreitar pelos vidros para o passeio por baixo do meu apartamento. Até porque sabia o que lá havia: palmeiras de aspeto fanado a ladear a estrada, bancos naquele pequeno parque manhoso, poucos se é que alguns peões, uma tira de mar lá muito adiante. Resisti ceder a qualquer desejo de que ele voltasse. Quando surgiu uma minúscula onda de saudade dele, repeli-a. Por volta do meio-dia, abri uma garrafa de *Pinot Grigio* e afundei-me no sofá, com as suas almofadas de camurça e seda tão confortáveis como quaisquer braços. Quase. Porque tenho de admitir que ele é um belo homem, quase impecável, excetuando uma minúscula cicatriz no lábio superior e uma outra com mau aspeto no ombro, uma mancha com cauda de um vermelho-alaranjado. Tirando isso, da cabeça aos pés, ele é um homem fabuloso. Eu também não estou nada mal, portanto imaginem só o casal que fazíamos. Após um copo ou dois do vinho, senti-me um bocado zozna e decidi ligar à minha amiga Brooklyn para lhe contar tudo. Que ele me atingira com mais força do que um soco apenas com oito palavras: «Tu não és a mulher que eu

quero.» Que elas me haviam irritado e levado a concordar. Que estupidez. Mas depois mudei de ideias acerca de lhe telefonar. Sabem como é. Nada de novo. Só que ele se pôs a andar e eu não sei porquê. Além disso, havia demasiadas coisas a acontecer nesta altura no escritório para eu ir chatear a minha melhor amiga e colega com outro rompimento. Especialmente agora. Agora eu sou a gerente regional e isso é como ser um comandante, portanto tenho de manter a relação certa com a tripulação. A nossa empresa, Sylvia, Inc., é um pequeno negócio de cosméticos, mas está finalmente a começar a progredir e a fazer ondas, deixando para trás o seu passado baço. Nos anos quarenta chamava-se Sylph, Espartilhos para Mulheres Exigentes, mas mudou de nome e proprietária para Confeções Sylvia, depois para Sylvia, Inc., antes de se dedicar completamente a seis linhas de cosméticos *fantásticas*, uma das quais é minha. Chamei-lhe TU, RAPARIGA: Cosméticos para o teu Milénio Pessoal. Destina-se a raparigas e mulheres com todos os tipos de tez, desde ébano até limonada e leite. E é minha, completamente minha: a ideia, a marca, a campanha.

Vou mexendo os dedos dos pés debaixo da almofada de seda, e não posso deixar de sorrir ao sorriso de batom no meu copo de vinho, pensando: «Então e que tal, Lula Ann? Alguma vez acreditaste que virias a ser esta brasa, e a ter este êxito?» Talvez *ela* fosse a mulher que ele queria. Mas a Lula Ann Bridewell já não está disponível e ela nunca foi uma mulher. A Lula Ann era o meu eu de dezasseis anos que abandonou esse nome pacóvio assim que terminou o liceu. Fui Ann Bride durante dois anos, até ir a uma entrevista para o lugar de vendedora na Sylvia, Inc., e, seguindo a minha intuição, encurtei o nome para Bride, sem nada que seja preciso dizer antes ou depois dessas sílabas memoráveis. Os clientes e os representantes gostam, mas ele ignorava-o. Chamava-me quase sempre «garota». «Olá, garota»; «Anda, garota». E, às vezes, «És a minha miúda», acentuando o «minha». A única vez que disse «mulher» foi no dia em que se pisgou.